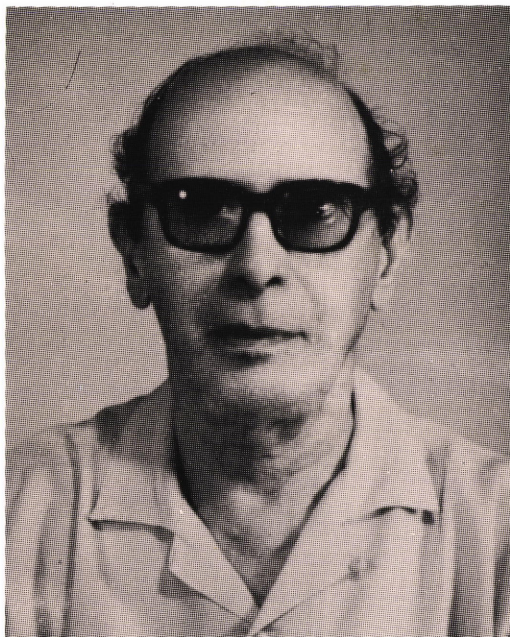


MACAU
COLÉGIO D.BOSCO



Caríssimos Irmãos e Amigos,

de novo, em menos de um ano, a irmã morte veio a esta comunidade e desta vez para aliviar os sofrimentos do nosso irmão

MESTRE MARONGIU

cujo estado de saúde se vinha agravando devido a insuficiência cardíaca e a outras complicações.

Após um internamento hospitalar de vinte e dois dias, quis regressar ao seu Colégio e ao seu quartinho, que, embora pobre, fora sempre o seu quartinho.

O cardiologista permitiu o regresso, que se efectuou no dia 19.12.86, e foi sempre acompanhando o desenrolar da doença do seu Mestre Marongiu de quem era amigo íntimo. Foi na madrugada do dia 24.12.1986, pelas 3 horas, que a vida do nosso bom irmão GIUSEPPE MARONGIU se apagou suavemente, qual lâmpada a que viesse a faltar o combustível.

O cardiologista estivera com ele poucas horas antes e ficara ao nosso inteiro dispor, se porventura viesse a necessitar da sua intervenção. Graças a Deus, não teve a agonia que temíamos! Dormitava, deu um pequeno estremeção e ficou-se sereno, parecendo sorrir. Fora chamado a passar com o Pai aquele Natal que todos nós desejamos!

MESTRE MARONGIU FALA DE SI

Entre as poucas coisas que encontrámos no seu quartinho, destacamos uns breves apontamentos da sua vida salesiana que justificam o título que demos a esta parte da sua carta mortuária.

Nasceu em SASSARI (Sardenha — Itália) a 17 de Junho de 1910. Eram cinco irmãos e ele era o mais novo. Entrou para os Escuteiros aos 6 anos, foi Presidente do Círculo D. Bosco da sua paróquia e foi durante anos mecânico de máquinas de escrever na Agência Remington.

Aos 24 anos optou pela vida salesiana, para o que teve de trocar o seu emprego e a sua querida Sassari pelos estudos de aspirante salesiano em Gaeta. Ali estudou de 1934 a 1937. Em 1937-38 fez o noviciado em Vila Moglia, perto de Turim, tendo como Mestre o P. Eugénio Magni e como Director o P. José Vesco, aos quais ficou ligado por laços de muita amizade e gratidão.

Foi a 20 de Setembro de 1938 que deixou a Itália com destino a Hong Kong para ali fazer a sua inculturação missionária. Começou pelos estudos de filosofia e pelas línguas indispensáveis para bem comunicar com os seus destinatários. Foi por esses anos que a sua saúde começou a ficar bastante abalada, mas nada disse aos Superiores — confessa ele nos tais apontamentos — “com medo de que me obrigassem a deixar a minha China”.

Devido à última grande guerra, todo o pessoal da Casa de Formação de Hong Kong (superiores, professores, noviços e estudantes de filosofia e teologia) foi transferido para Xangai. Praticamente, começou a sua vida naquele novo estudantado, submentendo-se a uma operação cirúrgica que o abalou ainda mais. A este respeito, lemos nas suas notas: — “Na ficha do hospital estava escrito: operado na 24a hora, ou seja, mesmo nas últimas. Era uma apendicite aguda”.

No fim do ano lectivo de 1941, juntamente com o P. Miguel Suppo e o clérigo Di Maira foi enviado para Macau como tirocinante. Eram anos de guerra e a viagem fez-se quase exclusivamente de noite para evitar ataques inimigos. Viagou num barco japonês.

Uma vez em Macau — 2 de Julho de 1941 — foi logo encarregado de assistir os maiores do curso industrial do Orfanato da Imaculada Conceição, sendo Director o Reverendo P. Mário Acquistapace. Depois de 3 meses, foi convidado a passar para uma nova obra: O COLÉGIO DOM BOSCO. Referindo-se a essa obediência, apenas diz que foi um trabalho duro, com pouco

descanso e muitas privações (eclodira a guerra Anglo-Nipónica), mas de nada se queixou e tudo viveu por amor de Deus e dos seus rapazes que muito amava.

Porém o físico quebrou e viu-se forçado a passar três meses de cama e sem poder receber visitas.

Já bastante recuperado, passou a fazer um pouco de assistência no Orfanato Salesiano, ao mesmo tempo que estudava teologia. Cremos referir-se a este tempo este seu desabafo: — “O mau funcionamento do aparelho digestivo, uma certa deficiência pulmonar e o esforço que me impunha a mim próprio para render o máximo, tornaram-me rabujento e nervoso e eu era por natureza tão alegre e expansivo! . . .”

Acabada a guerra, o Provincial P. Carlos Braga deu-lhe a escolher entre voltar para a Itália ou deixar os estudos e ficar na China. Optou pela segunda alternativa, mas a saúde nunca mais foi boa. . .

Foi então trabalhar para KUNG MING (China) e era mesmo com muita saudade que falava daquele seu trabalho, daquela boa comunidade, daqueles bravos rapazes e até daquele bom clima. Mas, como costuma dizer-se, “o que é bom acaba depressa”! De facto, houve mudanças profundas na política chinesa e o nosso bom Mestre Marongiu- “depois de 3 processos, de intimidações e de horas e horas de interrogatórios” — pôde sair da China em companhia do seu Director, P. André Majcen e do P. Albino Fernandes. Em 1951, estava de novo em Hong Kong, onde chegara “magro e muito abatido”.

O P. Braga mandou-o de novo para o Colégio D. Bosco, mas depois teve de o mandar descansar, primeiro para a Itália e a seguir para Portugal, donde voltou a este Colégio em 1953 para ficar até à morte. Aqui, foi assistente, professor de matemática, de dactilografia, de tecnologia, de ginástica e de outras matérias. Deu, por vários anos, aulas nocturnas de Dactilografia e Desenho a militares e civis e foi Director do Oratório Festivo que ele dinamizou suscitando benfeitores e auxiliares externos e nunca se poupando a esforços para atrair a juventude cada vez em maior número e durante mais tempo, para o que escogitava e actuava uma tal variedade de actividades e divertimentos que todos os oratorianos se sentiam encantados e felizes. Numa palavra, tinha um coração verdadeiramente oratoriano!

Foi companheiro inseparável do saudoso P. Brianza em todas as exhibições e saídas dos Pequenos Cantores, que muito apreciavam a sua “farmácia”.

Encerramos esta parte com as palavras que revelam bem o seu espírito missionário: — “Amei muito todos os alunos, mas dedicava-me um pouco mais àqueles que me davam esperança de vocação salesiana”.

TAMBÉM NÓS FALAMOS DO MESTRE MARONGIU

Esta Comunidade é unânime em reconhecer-lhe um espírito de piedade profundamente salesiana e um sentido agudíssimo de assistência. Era um exemplo de pontualidade a todos os actos comunitários — orações, refeições, encontros — e era emocionante vê-lo, mesmo quando já se deslocava com dificuldade, no sítio e na hora em que a assistência exigia uma presença atenta e amiga.

Cuidou com muito zelo, e edificação nossa, das coisas da igreja, tendo sempre tudo muito arrumadinho e recordando ao sacerdote menos atento o que a tradição salesiana recomendava para aquele dia e para aquela hora.

Um jovem salesiano, que só ultimamente o conheceu, refere-se ao Mestre Marongiu desta forma: — “A sua presença na comunidade, carregada de vida e saúde salesianas, a sua pontualidade aos actos comunitários e, sobretudo, a sua vocação de assistente salesiano são gratas recordações que tenho comigo! . . .”

O nosso Provincial, P. José Pacheco da Silva, que se associou à nossa dor escrevendo-nos de Moçambique, disse-nos que apresentara o Mestre Marongiu aos Salesianos daquelas paragens “como uma figura de salesiano em que brilhava particularmente o seu amor ao Oratório e aos Antigos Alunos”.

Finalizamos estes depoimentos com as palavras do Reverendo P. José António Rico. Ei-las: — “O Mestre Marongiu sempre me pareceu, nos rápidos e poucos encontros que tive com ele, um salesiano exemplar, piedoso e bom; cheio de zelo pela salvação das almas; apenas se lamentava de se ver já reduzido a tão poucas actividades”.

Queridos Irmãos e Amigos, despedimo-nos agradecendo as orações que certamente já fizeram por ele e agora, mais do que por ele, pedimos que rezem por esta Comunidade, tão duramente provada em 1986.

Que Deus ouça as vossas orações que nós muito agradecemos!

MACAU e COLÉGIO D. BOSCO, 24 de Janeiro de 1987.

Pela Comunidade
P. Jorge Falcão
Director

DADOS PARA O NECROLÓGIO:

Senhor Giuseppe Marongiu, salesiano leigo, nascido em Sassari (Sardenha-Itália) a 17 de Junho de 1910 e falecido em Macau, Colégio D. Bosco, a 24 de Dezembro de 1986, com 76 anos de idade e 48 de profissão.